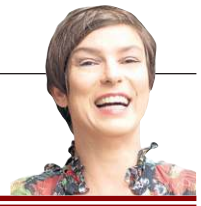
Por Maria Paula
mariapaula.df@dabr.com.br



Ecos de **esperança**

O silêncio que ecoa do Salão Negro do Congresso Nacional, entre os dias 6 e 15 de agosto, não é um silêncio qualquer. É o silêncio da memória, da reverência e da promessa. Na mostra *80 anos de Hiroshima e Nagasaki — Inspirando a cultura da paz*, cada imagem, cada depoimento e cada dobradura de papel carrega um grito contido — não o grito da raiva, mas o clamor profundo de um mundo que precisa aprender, definitivamente, a não repetir seus erros.

Hiroshima e Nagasaki não são apenas cidades japonesas, são símbolos universais daquilo que acontece quando a humanidade perde a noção do seu poder de destruição. Lá, em 1945, o tempo fechou e a sombra da violência extrema está até hoje a nos impactar. Mais de 200 mil vidas foram dizimadas num único gesto nefasto: rápido, impessoal, tecnológico e, por isso mesmo, monstruoso.

Mas essa exposição, tão cuidadosamente organizada pelo Instituto Paulo Kobayashi em parceria com a Embaixada do Japão, não se contenta em narrar o horror. Ela se dedica, sobretudo, a fazer florescer a esperança a partir das cinzas. Um convite comovente para que cada visitante olhe para o passado e reconheça nele um espelho —refletindo não só nossas falhas, mas também nossa capacidade de transformação.

As fotografias históricas, os vídeos com oshibakusha (sobreviventes da bomba que hoje vivem no Brasil), as ilustrações feitas a partir dos relatos, tudo ali tem o poder de tocar fundo. E talvez nada comova mais do que a história de Sadako Sasaki — a menina que, doente por causa da radiação, dobrou centenas de tsurus acreditando que, ao completar mil, alcançaria a cura e a paz.

Sadako não sobreviveu. Mas seu gesto virou símbolo. Um símbolo que atravessa gerações e desemboca, hoje, em Brasília, nas mãos delicadas da artista Priscila Tiemi Okata, que homenageia Sadako com um quadro composto por mil nano-origamis. Um monumento de delicadeza e resiliência.

É quase impossível passar por essa mostra e sair ileso. Há um nó na garganta que persiste, uma vontade de abraçar cada um daqueles rostos que vemos nas fotos, como se ainda fosse possível protegê-los. E, talvez, seja. Não mais protegê-los da tragédia que viveram, mas proteger o futuro — os filhos, os netos, os bisnetos — do risco de novos horrores.

Cultivar a paz não é tarefa abstrata. É um ato político, diário, íntimo e coletivo. É aprender com Sadako a dobrar, com paciência e fé, os nossos próprios tsurus: na forma como tratamos os outros, como escolhemos nossos líderes, como educamos nossos filhos, como nos posicionamos diante da injustiça.

A mostra *80 anos de Hiroshima e Nagasaki* é mais que um convite à memória. É um chamado à consciência. E o fato de ocupar um espaço tão simbólico como o Congresso Nacional nos lembra que a paz começa nas ideias, mas precisa ecoar nas leis, nos gestos, nas escolhas de um país.

Porque o passado, por mais doloroso que seja, ainda pode ensinar. E quando a arte se alia à história, quando a dor se transforma em aprendizado, nasce algo raro: a chance real de não repetir os mesmos erros.

Ao sair dali, talvez o visitante se surpreenda dobrando, em silêncio, o seu próprio tsuru. E desejando, com todo o coração, que ele voe — carregando com ele o pedido mais urgente de nossa era: que reine a paz.